

estabelecido em 7 de fevereiro de 1997

AS DOCTRINAS NÃO ESCRITAS: A RESPOSTA DE PLATÃO A SPEUSIPPUS

Por John Pepple

[I. O que eu acredito sobre o período tardio de Platão](#)

[II. Outras teorias sobre o período tardio](#)

[III. The Sceptics](#)

[IV. Os Unitarianos e os Revisionistas](#)

[V. O Significado do Terceiro Homem para Platão](#)

[VI. Speusippus e o Terceiro Homem](#)

[VII. As Doutrinas Não Escritas](#)

[VIII. Resposta de Platão a Speusippus](#)

[IX. Por que Platão deixou essas doutrinas não escritas](#)

[X. O Timeu, o filósofo e as leis](#)

[XI. Conclusão](#)

[XII. Notas](#)

[XIII. Comentários e respostas e isenção de responsabilidade do Kenyon College](#)

Como pode ser deduzido do título, afirmo que Platão *tinha* doutrinas não escritas e que pelo menos algumas dessas doutrinas pretendiam ser uma resposta a Speusippus. Sabemos que Speusippus se recusou a acreditar na existência de formas platônicas,¹ e há boas razões para acreditar (como argumentarei mais tarde) que uma de suas razões para negar a existência de formas foi que ele aceitou aquela passagem notória do *Parmênides* de Platão, o argumento do Terceiro Homem.² Se for assim, então, se Platão considerou essa objeção válida, ele deveria ter revisado sua teoria. Mas se Platão pensava que a objeção era inválida, então ele precisava responder a este argumento ou, na sua falta, apresentar uma *declaração ad hominem* ataque contra Speusippus (por exemplo, encontrando alguma falha no próprio sistema de Speusippus). Ora, há poucas evidências de que Platão alguma vez tenha considerado o Terceiro Homem válido ou de que tenha revisado sua teoria das formas para evitá-la. Nem há qualquer evidência de que Platão alguma vez respondeu ao argumento do Terceiro Homem, pelo menos para a satisfação de Speusippus. A única informação que temos sobre Speusippus em conexão com a teoria das formas é que ele a rejeitou; não somos informados de que ele mudou de ideia sobre o assunto. Portanto, não há razão para acreditar que Platão alguma vez respondeu ao Terceiro Homem para a satisfação de Speusippus. Conseqüentemente, Platão teve que encontrar algum tipo de falha

no sistema adotado por Speusippus, e a falha que Platão encontrou pode ser inferida do que Aristóteles disse sobre as doutrinas não escritas.

Pelo que acabei de dizer, deve ficar claro que considero as doutrinas não escritas surgidas no período tardio de Platão.³ Também deve ficar claro que tenho uma visão muito diferente do período tardio da de outros estudiosos. Ao defender minha visão das doutrinas não escritas e do período tardio, primeiro repetirei o que acabei de dizer sobre o período tardio, mas com mais detalhes. Isso será seguido por uma breve discussão de alguns outros pontos de vista sobre este tópico. Em seguida, explicarei que significado o argumento do Terceiro Homem teve para Platão, seguido pelas razões para acreditar que Speusippus aceitou esse argumento. Depois disso, revisarei brevemente o conteúdo das doutrinas não escritas e levantarei algumas opiniões acadêmicas sobre elas, depois das quais mostrarei como Platão usou essas doutrinas para responder a Espeusipo. Finalmente, mostrarei como minha visão do período tardio explica não apenas as doutrinas não escritas, *Timeu*, supondo que seja tarde), a ausência do *Filósofo* e o surgimento do segundo melhor sistema político das *Leis*.

I. O que eu acredito sobre o período tardio de Platão

Afirmo que, enquanto durante seu período intermediário Platão fundou a Academia e desenvolveu a teoria das formas, no início de seu período tardio Platão foi picado pelo surgimento de uma objeção contra sua teoria, o argumento do Terceiro Homem. Naturalmente, ele se esforçou para responder a esse argumento, mas embora as respostas que inventou possam tê-lo satisfeito, elas nunca satisfizeram seu principal patrocinador, seu próprio sobrinho Speusippus. Por fim, tendo falhado em responder ao Terceiro Homem para a satisfação de Speusippus, Platão simplesmente sugeriu que a teoria das formas era uma teoria tão poderosa e versátil que não poderia estar errada e, conseqüentemente, um dia ele encontraria uma resposta para ela. Enquanto isso, ele tentou abrir buracos no sistema de Speusippus; esses esforços aparecem nas doutrinas não escritas (*Leis*).

II. Outras teorias sobre o período tardio

Em relação ao período tardio, os estudiosos geralmente se dividem em três grupos: os unitaristas, os revisionistas e um novo grupo, cujos membros chamo de céticos.⁴

Os unitaristas dizem que, no período tardio, Platão estava basicamente fazendo o que sempre fazia; ele estava usando a teoria das formas para explorar certos tópicos e, se houve algum desenvolvimento durante esse período, foi um desenvolvimento comum do tipo que poderíamos encontrar no período intermediário. Especificamente, a teoria unitária diz que Platão acreditava que,

como uma objeção contra a teoria das formas, o Terceiro Homem é inválido. Conseqüentemente, não há razão para acreditar que durante seu período tardio Platão passou por uma crise.

Os revisionistas dizem que durante seu período tardio Platão estava definitivamente em crise e que estava em crise como resultado do argumento do Terceiro Homem, pois esse argumento apontava para uma falha na teoria das formas, uma falha que poderia ser tratada com apenas submetendo essa teoria a fortes revisões. Geralmente, os revisionistas acreditam que Platão revisou sua teoria na direção de uma visão mais aristotélica das formas; isto é, ele não considerava mais as formas separadas ou paradigmas.

Como um aparte, deixe-me esclarecer como devo usar os termos "revisar", "revisionista" e "revisionismo". Minha teoria afirma que Platão estendeu sua teoria e, em um sentido amplo, isso significa que ele a revisou. No entanto, quando eu falar em revisão neste artigo, estarei falando apenas sobre as mudanças feitas por Platão que foram pretendidas por ele para evitar ser preso pelo Terceiro Homem. Como não acho que Platão tenha aceitado a validade desse argumento, o tipo de mudanças que acho que Platão fez no período tardio não contam como uma espécie de revisionismo, como esse termo tem sido usado nas últimas décadas.

Os céticos insistem que a cronologia que foi desenvolvida cerca de um século atrás é baseada em raciocínios falhos e que não pode haver certeza sobre quando qualquer diálogo foi escrito; conseqüentemente, é provavelmente um erro falar de um período tardio. A cronologia foi elaborada olhando para o estilo, a partir do qual os estudiosos perceberam que os diálogos se dividiam em três grandes grupos. O primeiro e mais antigo grupo (contendo diálogos como *Apologia* e *Protágoras*) é frequentemente considerado "socrático", assim chamado não apenas por causa da importância dentro desses diálogos de Sócrates, mas também por causa de outras características consideradas associadas a Sócrates, como profissões de ignorância e uma preocupação com pouco além da ética, como bem como um alto nível de drama sugestivo de conversas reais. A implicação é que nas páginas desses diálogos temos o Sócrates real, ou então algo próximo do Sócrates real. O grupo do meio (contendo diálogos como *Fédon* e *República*) é consideravelmente menos dramático e é notável pelo surgimento da teoria das formas e sua aplicação à filosofia política, epistemologia e outros ramos da filosofia. Finalmente, há um grupo tardio (contendo diálogos como *Parmênides* e *Sofista*), sobre o qual tem havido muita disputa.

Os céticos rejeitam esses resultados. Eles apontam que usar a estilometria para determinar a cronologia é errado porque, em primeiro lugar, alguém que fosse um estilista tão excelente como Platão poderia ter adotado qualquer estilo em qualquer época em que estava escrevendo; conseqüentemente, se o estilo de um

diálogo indica que é precoce, tudo o que pode significar é que Platão decidiu adotar esse estilo para aquele diálogo específico. Em segundo lugar, não há garantia de que os diálogos como os temos não foram sujeitos a numerosas revisões. Se sim, então um diálogo supostamente tardio como o do *sofista* pode realmente estar essencialmente adiantado. Platão pode ter iniciado o diálogo em seu período inicial e depois o deixou de lado. Em seu período tardio, ele pode tê-lo retomado e deixado pronto para publicação; se a maioria de suas revisões nesta época eram estilísticas, então parecerá um diálogo tardio, embora seja essencialmente um dos primeiros.

III. Os céticos

Deixe-me começar minha discussão sobre esses três grupos de estudiosos com os céticos. Em primeiro lugar, esse argumento cético, se for válido, é muito poderoso. Impede-nos de ter qualquer tipo de cronologia, para quem afirma que algum *outro* recurso além do estilo pode ser usado para datar que os diálogos irão de encontro ao mesmo argumento cético. Digamos que alguém afirme que o recurso X pode ser usado para distinguir entre diálogos anteriores e posteriores. Os diálogos que contêm X chegarão cedo, e os que não contêm, chegarão atrasados. Mas, por causa do argumento anterior, o recurso X não pode ajudar em nada. Qualquer diálogo que não contenha X poderia ser a revisão de um diálogo anterior, de forma que o processo de revisão removesse X do diálogo. Da mesma forma, qualquer diálogo contendo X poderia se atrasar, pois Platão era perfeitamente capaz de inserir X a qualquer momento. O resultado é que o argumento dos céticos, se válido, condena todas as cronologias. Assim, eu acho que é bastante ingênuo de Holger Thesleff começar levantando esses pontos céticos e, em seguida, insistir que ele pode nos dar uma cronologia com base em alguma característica diferente do estilo. Ele apela para a diferença entre o que ele chama de diálogos relatados ou narrados e diálogos dramáticos, com os diálogos relatados sendo precoces e os diálogos dramáticos atrasados.⁵ Claramente, no entanto, qualquer diálogo escrito dramaticamente poderia ter sido originalmente narrado, sendo revisado mais tarde para adicionar o quadro dramático. Assim, não há mais razão para aceitar a cronologia de Thesleff do que aquelas baseadas no estilo.

Em segundo lugar, não apenas os céticos, mas também os revisionistas e os unitários rejeitaram alguma parte do testemunho de Aristóteles. Se Aristóteles é razoavelmente preciso sobre a vida e os escritos de Platão, então cada uma dessas teorias está errada. Com relação à teoria dos céticos, desde que Aristóteles nos deu informações sobre a vida de Platão que sugere que ele passou por um período socrático inicial, então se Aristóteles está certo, os céticos estão errados. Sabendo disso, os céticos rejeitaram o que Aristóteles disse. Thesleff, por exemplo, ataca a ideia de que houve um período socrático que Platão experimentou dizendo:

"A única evidência externa que às vezes é referida é a declaração de Aristóteles no *Metafísica* que a filosofia de Platão surgiu de uma combinação de pitagoreanismo e heracliterismo com o socrático (como Aristóteles o descreve); mas isso realmente não é conclusivo em tudo no que diz respeito à cronologia de seus escritos."⁶

É verdade que não é *conclusivo*, mas não pode ser descartado tão facilmente. Além disso, Thesleff não pode evitar apelar para Aristóteles em outras circunstâncias, quando se adequa aos seus interesses. Considere sua discussão sobre a existência de um proto-*República* que ele sente que deve ter existido na década de 390 antes da publicação de Aristófanes ' *Eclesiazusae* em 392. Sobre isso, ele diz: "A evidência de Aristóteles de que Sócrates de Platão foi o primeiro filósofo a propor uma comunidade de mulheres e crianças é muito importante."⁷ Em outras palavras, Thesleff considera Aristóteles como confiável ou não confiável, dependendo de seus próprios interesses e não de quaisquer critérios desinteressados.

Outra cética que desconta as provas de Aristóteles é Debra Nails. Enquanto muitos estudiosos argumentam que Aristóteles deve ter tido bom conhecimento de Platão desde que ele era um dos associados de Platão, Nails contraria esse argumento fazendo uma analogia com Wittgenstein e seus associados: "É natural ser lembrado da prole intelectual do carismático Wittgenstein, vigorosamente e apaixonadamente desafiando as memórias e notas uns dos outros, encontrar nada pequeno ou grande em que todos podem concordar."⁸ Mas certamente todos eles poderiam concordar que o *Tractatus* foi cedo!

Minha alegação é que Aristóteles pode contar com certas coisas, especialmente quando se trata de alguma afirmação ampla ou óbvia sobre a vida e filosofia de Platão, como quando as coisas foram escritas, quais estágios ele passou, e se ele tinha uma resposta satisfatória para o Terceiro Homem. Neste artigo, pretendo mostrar que há uma interpretação plausível e consistente tanto dos diálogos de Platão quanto do testemunho de Aristóteles, uma interpretação, aliás, que trata Aristóteles caridosamente; e como devemos tratar os filósofos tão grandes quanto Aristóteles caridosamente, devemos adotar essa interpretação.

Em terceiro lugar, parece haver uma tendência entre os céticos de pensar que, como a análise estilística é falha (ou pelo menos potencialmente falha), portanto, a cronologia que os resultados também devem ser falhas. No entanto, as pessoas ocasionalmente têm boas ideias de maneiras duvidosas. A estrutura química do benzeno foi sugerida ao seu descobridor (F.A. Kekule) em um sonho. Ninguém diria que aparecer para ele em um sonho tornou-o verdade, mas acabou que era verdade. Da mesma forma, mesmo que a análise estilística seja falha, isso não é suficiente para dizer que a compreensão da vida de Platão que derivamos dessa análise é incorreta. Em particular, esse entendimento tem

uma plausibilidade a ele que eu não vi até agora em nada que os cétricos propuseram. (Claro, isso pode mudar no futuro.) A cronologia padrão afirma que Platão começou com um período socrático, e dada a importância óbvia de Sócrates na vida de Platão, isso parece bastante sensato.

A cronologia de Thesleff, em contraste, parece ser baseada em um grande número de suposições injustificadas. Considere, por exemplo, seu argumento contra um período socrático precoce. Thesleff argumenta contra isso dizendo que Platão "deve ter refletido sobre Heráclito, Anaxagoras, Parmênides, Pitágoras e sofistas muito antes de publicar diálogos como *Protagoras*, *Cratylus*, *Phaedo* e *Parmênides*."⁹ Ou seja, o período inicial não foi puramente socrático, pois Platão deve ter sido imerso nas doutrinas desses outros filósofos também.

Mas esta declaração de Thesleff é simplesmente afirmação sem provas. Aparentemente é baseado na suposição de que um grande filósofo *dever* ter lido todos os clássicos antes de seu tempo, mas isso é precisamente o que sabemos que os grandes filósofos muitas vezes fazem *não* fazer. Considere Descartes como um exemplo. Como Marjorie Grene diz: "Em geral, [Descartes] parece estar resignado a ter seus amigos dizendo a ele que ele foi antecipado por Santo Agostinho."¹⁰ Em particular, ele alegou não ter lido que a passagem nas obras de Agostinho relacionadas com sua *Cogito*.¹¹ Como outro exemplo, considere o clima em que muitos de nós na tradição analítica foram educados. Fui desencorajado de prestar atenção aos filósofos continentais. Por que Sócrates não deveria ter desencorajado Platão de prestar atenção aos pré-democratas? (Há alguma evidência para tal reivindicação em Xenofonte *Recordações* em I.i.12-15 e IV.vii.5-6 e nenhuma evidência incontroversa que eu saiba ao contrário.) Como eu disse acima, a cronologia tradicional tem uma plausibilidade a ela que está faltando em outras cronologias que eu vi, pois é fácil ver olhando para os diálogos que a pessoa mais influente na vida de Platão era Sócrates, não os pitagóricos, Parmênides (que nem sequer é mencionado na maioria dos diálogos), ou Heráclito.

Finalmente, há uma boa razão para acreditar que o *Parmênides* é mais tarde do que o *República*, e assim pelo menos um fato sobre a cronologia pode ser recuperado. Sabemos que dentro da Academia surgiram uma série de argumentos contra as formas, pois esses argumentos são repetidos por Aristóteles (*Metafísica* I.9). Um deles foi o Terceiro Homem (que também aparece no *Parmênides*), e foi aceito por Aristóteles (e provavelmente por Speusippus também). No entanto, quando Platão discutiu os formulários no *República*, tais argumentos não são mencionados. Desde que no final de *República* V Platão parecia desejar mostrar que existem formas, uma vez que tal desejo exigiria uma discussão de objeções se elas existissem, e como não há nenhuma razão óbvia pela qual Platão se absteve de mencionar tais

objeções, concluo que elas não existiam. Assim, o *República* (ou pelo menos *República V*) deve ter sido escrito antes do *Parmênides*.

IV. Os Unitários e os Revisionistas

Pelo que eu disse no início, deve ser óbvio que ambas as teorias têm uma falha importante, a saber, o fracasso em considerar a possibilidade de que Speusippus aceitou o Terceiro Homem. Por um lado, os unitaristas têm insistido repetidamente que Platão tinha uma resposta para o Terceiro Homem. Mas e daí? Seu problema é que essa resposta não foi aceita por Speusippus. (Tampouco foi aceito por Aristóteles.) A crise de Platão foi seu fracasso em persuadir alguns de seus alunos mais brilhantes de que o argumento do Terceiro Homem era inválido. Por outro lado, os revisionistas veem Platão escapar do Terceiro Homem ao revisar sua teoria na direção de uma visão aristotélica das formas. Mas o principal oponente de Platão na época, o *Parmênides* foi escrito que não era Aristóteles, que estava apenas entrando ou ainda não havia entrado na Academia, ¹² mas Speusippus; e Speusippus não acreditava em formas. Como argumentarei abaixo, ele provavelmente aceitou o Terceiro Homem, bem como uma objeção contra o método de divisão. Mas não há garantia de que esses foram os únicos argumentos que ele usou contra a teoria de seu mentor. Aristóteles usou uma grande variedade de argumentos contra as formas, então é razoável, ou não irracional, acreditar que Speusippus também tinha uma grande variedade de argumentos. Conseqüentemente, revisar a teoria das formas era um empreendimento sem valor, pois não havia como atender a todas as objeções de Speusippus fazendo revisões. A única ação que o satisfaria era o abandono.

Além disso, ambas as teorias sobre o período final têm um ponto forte e um ponto fraco; acontece que o ponto forte de uma teoria é o ponto fraco do outro (e vice-versa). O ponto forte da teoria unitária, e o ponto fraco da teoria revisionista, é que a evidência de que Platão revisou sua teoria é quase inexistente. Na verdade, o artigo mais famoso que promove o revisionismo é o artigo de G.E.L. Owen sobre o namoro do *Timeu* (ver nota 4). Mas este artigo, se correto, não fornece evidências sólidas de revisionismo; em vez disso, ele simplesmente remove algumas evidências sólidas contra ele. O *Timeu* antes era considerado como um dos mais recentes dos diálogos, e como defende uma teoria não elaborada de formas, o revisionismo não poderia ser uma teoria viável. Conseqüentemente, Owen foi forçado a argumentar que o *Timeu* não foi tarde, mas meio. No entanto, a evidência para o revisionismo que permanece mesmo depois de colocar o *Timeu* no meio do período ainda é bastante fraco; além disso, a pressão estava sobre Platão não para revisar, mas para abandonar.

O ponto fraco da visão unitária, e o ponto forte da visão revisionista, é que é bastante claro que ao longo de seu período final começando com o *Parmênides* Platão estava em crise. Nos diálogos tardios a teoria das formas

é criticada, Sócrates é rebaixado, Parmenides e o Estranho Eleático aparecem como os personagens principais, a dialética antiga é descartada e uma nova dialética (o método de divisão) toma seu lugar, um dos diálogos (o *Theaetetus*) reverte para o uso do método elencético encontrado nos primeiros diálogos ou então usa um novo método (o método maieutic) e outro (o *Philebus*) contém uma divisão ontológica da realidade que não se assemelha a nada de qualquer outro diálogo. Além disso, os diálogos tardios têm uma sensação muito diferente deles do que os diálogos do meio (assim como os diálogos do meio têm uma sensação muito diferente deles do que os primeiros diálogos.) Assim, é razoável acreditar que durante o período final Platão passou por uma crise.

Mas enquanto os revisionistas estão em terreno mais forte em relação a este ponto, o simples fato da questão é que a evidência do período final aponta para pelo menos um *outra* crise. Durante este período Platão não conseguiu completar pelo menos uma e provavelmente duas trilogias. Enquanto os revisionistas não aceitam o atraso do *Timeu* trilogia, eles aceitam o atraso do *Sofista* trilogia. A ausência do terceiro trabalho desta trilogia, o *Filósofo*, aponta para uma segunda crise, um choque posterior (por assim dizer) à crise principal que resultou das objeções contra as formas no *Parmênides*.¹³ Os revisionistas nunca mencionaram esta segunda crise, talvez porque não é fácil ver como, diante dessa nova crise e assumindo que ele levou essa nova objeção a sério, Platão ainda poderia pensar em revisar em vez de abandonar totalmente as formas. Direi mais sobre esta segunda crise abaixo.

Outro ponto contra os revisionistas em relação à crise (ou crises) no período final de Platão é que eles têm um *correção idee* sobre que tipo de crise era. Os revisionistas acreditam que Platão *dever* sentiram que o Terceiro Homem era válido contra sua própria teoria e que, portanto, ele *dever* se engajaram na revisão. No entanto, não há evidência de que Platão jamais pensou que o argumento do Terceiro Homem era válido. A única observação que ele já fez sobre o assunto pode ser encontrado em *Parmênides* 135-b, que vem de um parágrafo que ocorre imediatamente após todas as objeções terem sido apresentadas; conseqüentemente, é provável que o que esse parágrafo represente em relação ao que aconteceu antes é uma avaliação ou avaliação. Assim, é um parágrafo extremamente importante. Não ajuda a causa revisionista que neste parágrafo Parmenides diz que alguém com "dons naturais consideráveis" seria capaz de descobrir que as formas existem, implicando que as objeções não têm força.

Para que os unitários não tomem minhas observações para mostrar que estão certos contra os revisionistas, deixe-me fazer duas observações. Em primeiro lugar, embora seja claro que quando Platão escreveu o *Parmênides*, ele sentiu que tinha uma resposta para o Terceiro Homem, ele não precisava ter continuado a se sentir assim. Dado que Aristóteles achava que o Terceiro Homem era obviamente válido, e dado que até o final de sua vida (se não antes)

Platão deve ter percebido que Aristóteles tinha "dons naturais consideráveis", por que Platão se absteria de escrever suas razões a favor da invalidade com o máximo de detalhes possível?

Em segundo lugar, observe que neste parágrafo Parmenides diz algo *mais*. Antes de dizer o que é outra coisa, vamos tentar imaginar o que mais ele diria se os unitários ou os revisionistas estivessem certos. Os unitários sempre tomaram a aparência do Terceiro Homem para ter um propósito benigno. Eles consideraram, por exemplo, que Platão estava fornecendo ao leitor (ou ouvinte) um exercício lógico para encontrar falácias,¹⁴ que ele estava atacando alguns membros da Academia que tinham uma visão incorreta dos formulários,¹⁵ ou que ele queria mostrar aos seus jovens alunos os perigos de fazer filosofia em uma idade muito jovem, antes de ter sido treinado em dialética.¹⁶ Se os unitários estivessem certos, então, esperaríamos que Parmenides fizesse observações sobre a importância de saber como detectar falácias, de garantir que se entendesse a teoria das formas corretamente, ou de fazer dialética antes de se envolver em metafísica. (É verdade que Parmenides diz algo como o último deles, mas isso não é até 135c-d, e por isso essa afirmação deve ser de importância secundária.) Os revisionistas, é claro, imaginam que Platão incluiu o argumento do Terceiro Homem em um diálogo porque apontou para uma falha importante em sua teoria das formas e que essa falha indicava a necessidade de rever essa teoria. Consequentemente, se os revisionistas estivessem corretos, então esperaríamos que Parmenides perguntasse a Sócrates como ele planejava rever sua teoria para evitar o Terceiro Homem e as outras objeções. Mas observe como Platão realmente se expressou nesta passagem. Ele diz que quando alguém ouve essas objeções, "o resultado é que o ouvinte está perplexo e afirma que [as formas] não existem.... Ao dizer isso... é surpreendentemente difícil convencê-lo ao contrário" (135a3-7). Não há nada aqui sobre detectar falácias, atacar visões incorretas sobre os formulários, ou a necessidade de treinamento suficiente em dialética por um lado, ou revisar a teoria das formas por outro. Trata-se de uma reação adversa entre aqueles que ouviram essas objeções. Parmenides nem sequer indica que apenas *alguns* ouvintes reagiram às objeções, rejeitando os formulários; ele parece estar indicando que *todo* deles fez (Platão, presumivelmente, e talvez Xenocrates sendo as exceções solitárias). Também não devemos pensar que essas declarações são apenas observações ociosas, pois são confirmadas por Aristóteles. Em *Metafísica* 1086a2-5 e 1090a7-15 Aristóteles contou sobre alguém - presumivelmente Speusippus - que rejeitou os formulários por causa de objeções levantadas contra eles. Temos que aceitar o fato desagradável de que as declarações de Parmenides em 135a3-7 destroem ambas as teorias. Contra os unitários, eles mostram que a teoria das formas estava sob forte ataque neste momento. Contra os revisionistas, eles mostram que Platão estava sob pressão para não *revisar* sua teoria, mas para *abandonar* ela. Tomo as declarações do Platão em 135a3-7 como uma referência ao que estava ocorrendo naquele momento na Academia: que a maioria de seus alunos tinha

sido convencida pelo Terceiro Homem a rejeitar a existência das formas e que uma das pessoas que era "surpreendentemente difícil de convencer" que o Terceiro Homem era inválido era seu próprio sobrinho Speusippus.

Outro problema com ambas as teorias é que nenhuma delas faz muito para explicar alguns dos outros fenômenos do período final, como a mudança para a segunda melhor filosofia política ou o fracasso em terminar pelo menos uma e possivelmente duas trilogias (dependendo de quando o *Timeu* é colocado).

Outro problema para ambas as teorias é que nenhum dos dois pode lidar com as evidências de Aristóteles, exceto por rejeição. Deixe-me começar com os unitários. Aristóteles falou do Terceiro Homem como um argumento válido contra a teoria das formas (*Metafísica* 990b17, 1038b34-1039a2 e 1079a32-b11). Ele fez isso praticamente sem discussão também, e isso sugere que Platão não tinha uma boa resposta para isso. Cherniss rebateu isso observando que Platão *fez* tem uma resposta para isso e que Aristóteles foi negligente ou desonesto ao se recusar a reconhecer esta resposta. Essa resposta, que aparece em ambos *República* 597c e *Timeu* 31a, diz essencialmente que o Terceiro Homem não pode gerar um regressão, uma vez que uma vez que a segunda forma é produzida, a primeira forma não conta mais como uma forma. Consequentemente, não há regressão de formas.¹⁷

Há quatro problemas com essa resposta. Primeiro, pode não haver regressão de *Forms*, mas certamente há uma regressão. Pelo menos, Aristóteles e (como veremos mais tarde) Speusippus continuaram a pensar que o Terceiro Homem é válido, então é provável que eles tenham pensado que a regressão continua. Consideremos o argumento do ponto de vista deles. Uma vez que ambos continuaram a pensar que o Terceiro Homem era válido, então eles provavelmente pensaram nas seguintes linhas. Em ambos *Timeu* 31a e *República* 597c, a geração de uma terceira entidade pressupõe que a premissa One Over Many entrou em jogo. Mas essa premissa funciona apenas nas entidades que já são F (se F é grande ou ser uma cama ou qualquer outra coisa). Assim, a auto-predição deve ter sido aceita por Platão. Quanto à premissa da Não-identidade, sua ideia subjacente é que nada pode ser permitido explicar seu próprio caráter, seja lá o que esse personagem pode ser (exceto talvez em alguns casos excepcionais, como a unidade). É verdade que podemos admitir uma diferença em estar entre formas e particularidades sensatas. Este último se apega tão precariamente ao ser que se pode perceber um problema em ter qualquer característica, como a grandeza. Se assim for, então a motivação de Platão em introduzir formulários como explicações de tais características é porque é difícil ver como detalhes sensíveis podem ter qualquer característica (uma vez que eles estão sujeitos a fluxo constante). No entanto, Platão provavelmente teve outra motivação em desejar ter formas ser explicações de características como a grandeza: a necessidade de um fator para explicar o aparecimento de tal característica em *tudo* em que aparece. Se assim for, torna-

se impossível dizer que uma forma pode ser permitida a explicação para ter o recurso em questão. A forma de Grandeza não pode ser usada para explicar por que essa forma em si tem a grandeza da característica, se a explicação se destina a explicar a grandeza onde quer que ocorra, para que não permitamos também que grandes sensatas sejam suas próprias explicações para ter a grandeza do recurso.

É esse tipo de raciocínio que Aristóteles e Speusippus provavelmente usaram contra o Pelotão para mostrar que a regressão continua. Sua tentativa de fuga do Terceiro Homem nas duas passagens citadas usou as mesmas três premissas que o Terceiro Homem usou; conseqüentemente, deve levar a uma regressão. A única diferença é que há uma premissa extra fornecida por Platão que mostra que em cada estágio existe apenas uma forma. Essa premissa extra, que podemos chamar de premissa de Subordinação, afirma que se uma entidade participa de outra entidade de modo a ser F, então a primeira entidade não pode ser a forma de F. Vamos ver como o Terceiro Homem trabalha com essa premissa adicional. A partir de um conjunto de grandes sensatas, a premissa One Over Many pode ser usada para mostrar que existe uma forma em virtude da qual esses sensatos são todos grandes. Por Auto Predicação, essa forma também é grande. Pela premissa One Over Many usada novamente, a grandeza da forma Grandeza deve ser explicada por alguma forma. Por Não-identidade, a forma que explica por que a Grandeza é grande não pode ser a própria Grandeza; devemos postá-lo em outra forma de grandeza. Agora a premissa da Subordinação entra em jogo. Ele diz que qualquer que seja a causa final da grandeza em toda a realidade é a forma. Conseqüentemente, a segunda forma de grandeza agora é apelidada a forma de grandeza. No entanto, o *Original* forma de grandeza ainda existe, mesmo que não conte mais como a forma. Mas ainda tem as outras características tipicamente associadas a formulários; é insensível, puro, divino, imutável, e assim por diante. E auto predição se aplica a ambos e a nova forma, o que significa que as premissas One Over Many e Nonidentity serão aplicadas novamente, o que significa que uma nova forma de grandeza é gerada. Em outras palavras, há boas razões para acreditar que a regressão continua.

Em segundo lugar, Cherniss afirma que a resposta de Platão para o Terceiro Homem aparece no *Timeu*. No entanto, o *Timeu* é parte de uma trilogia que nunca foi concluída, e uma razão óbvia pela qual nunca foi concluída é que a resposta de Platão não foi bem recebida por seus contemporâneos. É verdade que quando Cherniss escreveu, foi geralmente pensado que o *Timeu* deve ser colocado no final do período final com apenas o *Leis* colocado mais tarde. Desde o momento em que Platão escreveu o *Timeu* ele tinha sido em sua velhice, é fácil imaginar que ele abandonou a trilogia porque seus anos de avanço o forçaram a fazer algumas escolhas difíceis, e a escolha que ele decidiu foi escrever o *Leis*. Mas hoje a situação é diferente. Leonard Brandwood coloca o *Timeu* perto do início do período final, e isso deixa muito tempo para Platão

terminar a trilogia. Como ele não terminou, isso sugere que foi visto como problemático de alguma forma.

É verdade que Brandwood usa o estilo para chegar a sua conclusão, e os cétricos nos fizeram duvidar do valor do estilo, mas há pelo menos duas outras indicações de que o *Timeu* vem antes do *Sofista*, e nada disso vem depois. A primeira delas é a observação do 38b de que uma discussão sobre o que não é será tratada em um diálogo posterior. Esse diálogo posterior é, obviamente, o *Sofista*. Em segundo lugar, se o *Timeu* é colocado antes do *Sofista* trilogia, a filosofia política de Platão passa por uma progressão suave. No *Timeu* trilogia, temos a mesma filosofia política como no *República*. No *Político*, temos as primeiras dicas da importância do direito. No *Leis*, é claro que temos todo um diálogo sobre este tema. Assim, podemos ver uma progressão ordenada se o *Timeu* é colocado mais cedo dentro do período final, mas não se ele for colocado tarde dentro do período final.

Terceiro, mesmo que o *Timeu* eram para ser mais tarde do que qualquer coisa, exceto o *Leis*, há indícios suficientes de que Platão estava em uma crise neste momento para indicar que deveríamos hesitar em aceitar a resposta ao Terceiro Homem contido nele como a palavra final de Platão sobre o assunto. Obviamente, Aristóteles nunca foi convencido. Também não há indícios de que Speusippus também era.

Em quarto lugar, Cherniss nunca considerou a possibilidade de Speusippus ter aceitado o Terceiro Homem (como sugeri anteriormente é verdade para a maioria dos estudiosos). Uma vez que consideramos essa possibilidade, surge um problema na opinião de Cherniss. Por um lado, Cherniss acreditava que Speusippus abandonou a teoria das formas por uma única razão, que a existência de formas conflita com o método de divisão e coleta. Cherniss acreditava que a crítica era a seguinte:

"Se a animalidade nas ideias específicas do homem e do cavalo é a mesma coisa... então essas ideias específicas teriam que ser uma unidade numérica, apesar do fato de serem entidades distintas e a ideia única de animal seria de fato separada de si mesma."¹⁸

Speusippus fez a escolha de manter o método de divisão enquanto rejeitava a existência de formas.

Por outro lado, Cherniss acreditava que a razão de Platão para publicar o Terceiro Homem era que ele queria mostrar aos jovens da Academia os perigos de fazer metafísica antes de ser devidamente treinado em dialética.¹⁹ Mas uma vez que consideramos a possibilidade de Speusippus ter aceitado o Terceiro Homem, vemos que as opiniões de Cherniss são bastante implausíveis. Pois se rejeitarmos essa possibilidade, devemos acreditar que Platão se deu ao trabalho

de publicar alguns argumentos no *Parmênides* contra as formas que aparentemente ninguém aceitou, mas que ele se recusou a publicar um argumento contra as formas que alguém *fez* aceitar. É inútil para Cherniss argumentar que, porque tanto ele como Platão acham que a resposta do Pelotão ao Terceiro Homem é satisfatória, portanto Speusippus deve ter concordado. Já sabemos pelos debates dos últimos quarenta anos que o Terceiro Homem ocasiona ampla discordância sobre sua validade, e não precisamos olhar mais longe no mundo antigo do que Aristóteles para encontrar um exemplo de alguém que se opôs a Platão neste ponto; e onde uma pessoa discorda, é provável que encontremos outra. A visão mais plausível, portanto, é que Speusippus aceitou o Terceiro Homem, que o Platão publicou porque sentiu a necessidade de pelo menos reconhecer isso, e que ele se absteve de publicar a objeção de Speusippus relacionada ao método de divisão porque ele achava que era de menor importância.

Deixe-me considerar agora como o testemunho de Aristóteles apresenta problemas para os revisionistas. Ao responder a Cherniss, que (como já mencionado) acreditava que Aristóteles não havia mencionado a refutação de Platão ao Terceiro Homem e, portanto, deve ser culpado de negligência ou desonestidade, Owen respondeu:

"Aristóteles foi acusado de citar tais argumentos de regressão como válidos contra as antigas Formas sem mencionar que Platão tinha, ou supostamente, refutado. Mas a razão pela qual Aristóteles é tão silencioso quanto o próprio Platão nesta resposta vital é apenas que nenhuma resposta existiu."²⁰

Nesta passagem Owen aludiu ao silêncio de Aristóteles em um ponto particular como evidência a favor de sua teoria. Mas Aristóteles também ficou em silêncio sobre outros pontos, como se Platão já havia revisado sua teoria em resposta ao Terceiro Homem. Nós simplesmente nunca o ouvimos dizer que tal coisa ocorreu. Em todo o *Metafísica*, Aristóteles frequentemente comparava as visões do Pelotão com as de Speusippus e Xenocrates, mas ele nunca comparou nenhuma das visões revisadas do Platão com as opiniões desses outros dois filósofos ou com as visões antigas do Pelotão. Além disso, ele certamente falou de outras visões que poderiam ser interpretadas como versões revisadas da teoria de Platão, mas ele nunca associou essas versões revisadas com Platão. Por exemplo, em *Metafísica* 991a17 ele mencionou tanto Anaxagoras quanto Eudoxo como tendo negado a separação, mas absteve-se de mencionar Platão. E é claro que a própria metafísica de Aristóteles pode ser interpretada como uma revisão da teoria de Platão, mas novamente ele nunca a associou com Platão. Nem Aristóteles sozinho em abster-se de falar sobre Platão ter revisado sua teoria. Ninguém mais em posição de saber fez isso também.

Claro, pode ser que Platão revisou sua teoria de tal forma que se assemelhasse às próprias opiniões de Aristóteles, e assim ele nunca sentiu necessidade de

comentar sobre isso. Mas qual é a probabilidade de tal possibilidade? Dois filósofos sempre podem encontrar pelo menos *Um* coisa sobre a qual discordar. É realmente tão provável que as opiniões de Aristóteles sobre formas coincidiram tão exatamente com as opiniões revisadas de Platão que ele nunca achou necessário fazer qualquer tipo de comentário sobre eles?

Quanto à afirmação de Owen de que não havia resposta possível para o Terceiro Homem, pode ser verdade que não havia *lógico* responder ao Terceiro Homem, mas certamente havia uma *retórico* responder a ele. A resposta retórica diz que, uma vez que a teoria das formas é absolutamente necessária para o pensamento e o discurso (como *Parmênides* 135-b afirma), então a teoria das formas deve ser verdadeira, e uma vez que deve ser verdadeira, isso significa que deve haver uma resposta para o Terceiro Homem, mesmo que essa resposta ainda não tenha sido encontrada. Ou seja, a resposta retórica insiste que a falha em encontrar uma resposta para o Terceiro Homem não indica desistir dos formulários tanto quanto indica manter a esperança ou a fé de que uma resposta a ela será encontrada um dia. Os revisionistas parecem esquecer que as pessoas tendem a gostar muito de suas teorias e não as desistirão facilmente. Owen deveria ter notado isso com Cherniss, pelo que sei, Cherniss nunca foi persuadido por nenhuma das novas visões que Owen estava propondo. E não tenho dúvidas de que muito poucos revisionistas (ou unitários ou céticos) desistirão de suas teorias por causa do que digo neste artigo.

O resultado dos parágrafos anteriores é que os unitários não podem explicar por que Aristóteles tratou o Terceiro Homem como um argumento que exige pouca ou nenhuma discussão, enquanto os revisionistas não podem explicar por que Aristóteles nunca indicou que Platão abandonou a teoria das formas ou a revisou à luz do Terceiro Homem. Minha visão do período final explica este paradoxo de Aristóteles. Platão nunca respondeu ao Terceiro Homem para a satisfação de seus oponentes. No entanto, ele certamente não ia desistir de uma teoria que ele estava usando frutíferamente por tantos anos quando havia sempre a chance de que uma resposta persuasiva ao Terceiro Homem viria até ele amanhã. Isso explica tanto por que Aristóteles falou do Terceiro Homem como obviamente sólido, para uma resposta nunca entrou na cabeça de Platão, e por que Platão nunca revisou sua teoria de formas, pois ele continuava esperando que uma resposta fosse.

V. O significado do terceiro homem para Platão

O significado - o significado primário, isto é - do Terceiro Homem para Platão é simples. Foi a primeira vez que ele viu um argumento construído de forma inteligente contra sua amada teoria das formas. (Por construído de forma inteligente, não quero dizer nada sobre a validade do argumento. O argumento

ontológico para a existência de Deus inventado por Santo Anselmo é construído de forma inteligente, mas dizer isso não implica nada sobre sua validade.) A razão para acreditar que este era o O primeiro argumento que Platão viu também é simples: se ele tivesse visto qualquer um desses argumentos antes, teríamos ouvido falar dele.

Considere a passagem no final da República V. Aqui Platão castigava os amantes de pontos turísticos e sons por se recusarem a aceitar a existência da forma de Beleza. Enquanto ele desenvolveu um argumento contra eles (começando em 476e), ele se absteve de apresentar seus próprios argumentos a favor de sua posição ou contra a dele. É razoável inferir ou que eles não tiveram tais argumentos ou que esses argumentos eram tão ruins que não valessem a pena discutir. A ausência de argumentos contra as formas que caracteriza essa passagem também é típica de outras passagens de diálogo intermediário. Consequentemente, o Terceiro Homem deve ter sido o primeiro argumento inteligentemente construído contra as formas que Platão tinha visto. Considere a passagem no final da República V. Aqui Platão castigava os amantes de pontos turísticos e sons por se recusarem a aceitar a existência da forma de Beleza. Enquanto ele desenvolveu um argumento contra eles (começando em 476e), ele se absteve de apresentar seus próprios argumentos a favor de sua posição ou contra a dele. É razoável inferir ou que eles não tiveram tais argumentos ou que esses argumentos eram tão ruins que não valessem a pena discutir. A ausência de argumentos contra as formas que caracteriza essa passagem também é típica de outras passagens de diálogo intermediário. Consequentemente, o Terceiro Homem deve ter sido o primeiro argumento inteligentemente construído contra as formas que Platão tinha visto.

VI. Speusippus e o Terceiro Homem

Pelo que eu sei, o único estudioso a ter feito a sugestão óbvia de que Speusippus aceitou o Terceiro Homem foi RM Dancy. A maioria dos estudiosos associou o argumento a Aristóteles, se é que foi com alguém da Academia, e isso apesar do fato de que na datação usual Aristóteles nem mesmo estava na Academia quando o *Parmênides* foi escrito. Existem duas razões para acreditar que Speusippus aceitou o Terceiro Homem. Dancy dá uma delas explicitamente, e ele pode dar a outra implicitamente. Ele argumenta que a evidência de que Speusippus aceitou o Terceiro Homem como válido aparece na crença de Speusippus de que a causa de alguma qualidade em outras coisas não pode ter essa qualidade em si da mesma maneira.²¹ Foi precisamente o fracasso de Platão em aceitar essa afirmação que o levou ao argumento do Terceiro Homem, pois, tendo as formas como causas de F e do próprio F no mesmo sentido que as outras coisas que são F, começa a regressão infinita. Ou seja, o ponto de ter as formas como causas é que uma coisa que tem a qualidade F deve ser explicada apelando-se para alguma outra entidade, mas ao fazer a forma de

F ter a qualidade de F também, somos forçados a apelar para *outra* forma de F para explicar por que a primeira forma de F tem a qualidade F.

Além disso, outra razão para acreditar que Speusippus aceitou a validade do Terceiro Homem pode ser vista a partir da comparação das visões do Pelotão, Speusippus e Xenocrates em números. Platão sentiu que existem três tipos de números: números de forma, números matemáticos e números sensatos. (Os números de formulário são exemplificados por, digamos, os Três; números matemáticos são entidades que são feitas de uma miríade de unidades idênticas, separadas e sem sensíveis; e números sensatos são feitos de unidades sensatas). Speusippus negou a existência de números de formulário, enquanto Xenocrates os identificou com números matemáticos. Seu raciocínio pode ser explicado da seguinte forma. Speusippus aceitou o Terceiro Homem e, conseqüentemente, eliminou todas as formas, incluindo as para números, de sua ontologia. Mas como ele ainda era basicamente um platonista (apesar de não querer formas), ele queria dar importância aos números e assim ele aceitou números matemáticos. Agora, o Terceiro Homem não se aplicará a essas entidades. Em primeiro lugar, a premissa One over Many não se aplicará a essas entidades, pois Speusippus se recusou a acreditar nos formulários e por isso se recusou a aceitar tal premissa. Em segundo lugar, mesmo que uma regressão infinita fosse de alguma forma construída, Speusippus simplesmente diria que já existe um número infinito de, digamos, matemáticos dois. Xenocrates, ouvindo os argumentos do Pelotão para as formas e a linha de raciocínio de Speusippus, sentiu que ele poderia fazer um compromisso. Ao identificar números de formulários com números matemáticos, ele poderia preservar o essencial de ambos os sistemas. Uma vez que Speusippus evitou o Terceiro Homem por duas razões, Xenocrates calculou que era seguro evitá-lo por apenas uma razão. A premissa de Um sobre Muitos se aplicaria aos números da forma, mas como já havia infinitamente muitos deles, uma regressão infinita não prejudicaria sua teoria.

VII. As Doutrinas Não Escritas

As doutrinas não escritas referem-se a várias coisas ditas por Aristóteles e outros que envolvem uma terminologia diversa e que parecem não ter relação com nada que possamos encontrar nos diálogos (com a possível exceção do *Filebo*). Deixe-me expor a mais importante dessas doutrinas que podemos extrair de vários comentadores antigos:

(A) Existem dois princípios fundamentais subjacentes a tudo: o Um e a Díade Indefinida. (Aristóteles, *Metafísica* 987b20-22 e 988a10-15)

(B) Esses princípios fundamentais de alguma forma geram tudo o mais, na seguinte ordem: números, formas e coisas sensíveis. (Aristóteles, *Metafísica* 988a10-15, e Teofrasto, *Metafísica* 6b10-15)

(C) As formas são geradas a partir do Um e do Dyad, sensatas das formas e do Dyad. (Aristóteles, Metafísica 988a10-15) (D) O Único está associado (mas aparentemente não idêntico) com a bondade, o Dyad com o mal. (Aristóteles, Metafísica 988a14-15 juntamente com 1091b13-14) Em primeiro lugar, a terminologia usada tanto pelos antigos quanto pelos modernos em relação a este tema não é consistente. Para um desses princípios ouvimos falar do Um, Unidade e Limite. Por outro, ouvimos falar do Dyad, do Díade Indefinido, dos Dois Indefinidos, do Grande e do Pequeno, e do Ilimitado. Se todos esses termos podem ser traçados de volta aos dois princípios de Platão ou se alguns deles se referem a outras entidades derivadas dos dois princípios é incerto.

Em segundo lugar, Aristóteles fez outras afirmações em nome de Platão que eu vou descartar como irrelevante ou impossível de provar. Por exemplo, ele insistiu que Platão acreditava que todas as formas são números (De Anima 404b24-5), que os números vão até o número dez apenas (Física 206b32-33), e que o Um é uma causa essencial enquanto o Dyad é uma causa material (Metafísica 987b20-21). Esta última noção é devido à imposição de Aristóteles de sua própria visão de mundo sobre as doutrinas de Platão, que mergulhou os estudiosos platônicos em uma confusão total. Quanto à crença de que as formas são números, acho que W.D. Ross explicou adequadamente isso como significando que, em algumas ocasiões, Platão associaria (mas não

Em terceiro lugar, não há nada de errado em dizer que Platão acreditava que as formas poderiam ser geradas a partir de dois princípios fundamentais. Isso tem sido contestado porque as formas deveriam ser eternas e não geradas.²³ No entanto, claramente o tipo de geração envolvida é a geração atemporal, assim como a mistura de formas no Sófista é atemporal e por isso é bastante diferente da participação em formas que sensatas experimentam.

Devido ao fato de que essas doutrinas não correspondem a nada nos diálogos e porque Aristóteles nunca explicou o propósito dessas doutrinas não escritas, os estudiosos têm estado em desespero. Em um extremo, Cherniss afirmou que Aristóteles entendeu mal ou deturpou o pensamento de Platão. No outro extremo, a escola Tubingen tem sustentado que essas doutrinas não escritas não só foram afirmadas por Platão, mas também subjacentes a todos os seus diálogos e representam suas verdadeiras e mais importantes visões. Deixe-me fazer uma rápida revisão de várias opiniões sobre as doutrinas não escritas.

Cherniss foi inflexível em acreditar que as doutrinas não escritas não eram nada além das interpretações erradas de Aristóteles ou deturpações das opiniões de Platão, tudo isso poderia ser encontrado nos diálogos.²⁴ As pessoas reduziram seus argumentos ao longo dos anos, e alguns ofereceram outras interpretações das evidências.²⁵ Como já critiquei algumas das opiniões de Cherniss anteriormente, oferecerei apenas algumas observações sobre a visão de Cherniss sobre as doutrinas não escritas. Minha alegação é que em certos casos

do testemunho de Aristóteles, temos boas razões para acreditar que ele está certo. Uma boa razão para acreditar em Aristóteles é quando outros concordaram com ele. Por exemplo, quando Aristóteles relatou a história sobre a famosa palestra de Platão *No Bem* e afirmou que naquela palestra Platão falou sobre dois princípios fundamentais subjacentes às formas, ele estava em boa companhia. Segundo Simplicius, esta foi uma visão compartilhada por Speusippus, Xenocrates, Heraclides, Hestiaeus, entre outros. Simplicius afirmou que todas essas pessoas assistiram à palestra de Platão, anotaram essa palestra e publicaram suas anotações.²⁶ *Não há um único relatório da antiguidade dizendo que alguém contradisse Aristóteles sobre o conteúdo básico dessas palestras.* Todos, aparentemente, acreditavam ter ouvido Platão dizer a mesma coisa, que ele acreditava em dois princípios fundamentais, o Um e o Díade Indefinido. Embora seja logicamente possível que todas essas pessoas entenderam Platão mal neste ponto, parece altamente implausível.

Outra boa razão para acreditar que Aristóteles estava certo em imputar esses dois princípios ao Pelotão é que ele também impunitou quase os mesmos dois princípios para Speusippus. (Platão acreditava no Um e no Díade Indefinido, Speusippus no Um e na Pluralidade.²⁷) Embora possamos sustentar que os dois princípios de Platão são de alguma forma uma versão distorcida de algo sobre as formas do *Sofista*,²⁸ é difícil ver como podemos acreditar que qualquer um poderia extrair quase os mesmos dois princípios de Speusippus, dado que ele não acreditava em formas.²⁹ Além disso, Aristóteles imputou (B), ou uma variante de (B)-- isto é, (B) menos as formas - para Speusippus também (*Metafísica* 1087b6-9). Ele insistiu ainda que o sistema de Speusippus foi mal construído, como uma tragédia ruim (1090b20). Finalmente, Teofrastus, ao discutir cujo sistema seguiu de forma mais coerente a partir de seus princípios fundamentais, também acusou Speusippus de ter um sistema mal construído (*Metafísica* 6a15-b17). Parece bastante improvável que alguém do calibre de Aristóteles impunha dois princípios ao sistema de Speusippus, alegaria que tudo em seu sistema deveria ser derivado desses dois princípios, e depois denunciá-lo por fazer um mau trabalho dele. Em algum momento, o princípio da caridade deve assumir, e devemos permitir que Aristóteles não faria tal coisa.

Além disso, em *Metafísica* 1087b5 Aristóteles explicou que Platão preferiu o Díade sobre a Pluralidade porque sentia que a essência da Pluralidade era o Díade (ou seja, que uma pluralidade é o oposto do que é um, e a maneira mais básica de ser uma pluralidade é ser dois). É possível que tudo isso seja mal-entendido aristotélico ou deturpação, mas novamente parece improvável. Qualquer um que quisesse imputar esses dois princípios não só ao Pelotão, mas também a Speusippus, cujo sistema é muito menos suscetível a tal imputação, estaria fazendo isso como uma forma de crítica e, portanto, não se incomodaria com pontos tão finos sobre os princípios exatos escolhidos. Parece muito provável que estejamos lidando com coisas que Aristóteles realmente ouviu das bocas de Platão e Speusippus.

Finalmente, deixe-me reiterar um pouco do que já disse contra Cherniss. Não há nenhuma boa razão para negar que Speusippus aceitou o Terceiro Homem (na verdade, não conheço ninguém que tenha sequer argumentado contra ele; em vez disso, a possibilidade nunca foi sequer considerada até recentemente). Mas uma vez que reconhecemos isso, e uma vez que olhamos com cuidado para *Parmênides* 135a3-7, vemos que a razão de Platão para introduzir o Terceiro Homem em um diálogo não era para enfatizar aos seus alunos a necessidade de mais treinamento em dialética, mas porque o argumento tinha tomado a Academia de assalto. Quase todos, exceto Platão (e talvez Xenocrates) pareciam aceitá-lo como uma objeção válida contra a existência de formas. Se assim for, então Platão teve que reconhecer isso, pelo menos, e respondê-lo; mas não há nada que sugira que qualquer resposta que ele deu foi considerada aceitável por Speusippus. O fracasso de Platão em terminar duas trilógias deste período indica um momento tumultuado para Platão e aponta ainda mais para sua falha em responder satisfatoriamente ao Terceiro Homem. Uma vez que não há evidência de que Platão já revisou (ou abandonou) sua teoria de formas, ele deve ter feito uma *ad hominem* ataque contra Speusippus. Uma vez que as doutrinas não escritas contêm a melhor evidência de tal ataque, devemos pelo menos abster-nos de descartar essas doutrinas muito apressadamente.

Agora deixe-me recorrer a outras vistas. Gregório Vlastos acreditava que as doutrinas não escritas não eram nada além de visões de Platão que nunca foram suficientemente desenvolvidas para torná-la impressa.³⁰ O ponto decisivo contra essa posição é que Platão deve ter tido muitas opiniões sobre uma grande gama de assuntos que nunca chegaram aos diálogos. Por exemplo, ouvimos pouco sobre a natureza da piedade após o *Eutrófis*; Devemos acreditar que Platão não tinha outras opiniões sobre este tema? No entanto, as doutrinas não escritas que ouvimos falar representam apenas uma fatia estreita de pontos de vista possíveis: sobre matemática ou filosofia da matemática, sobre princípios fundamentais e suas relações com as formas, e sobre como esses princípios fundamentais se relacionam com o bem.

Kenneth Sayre acredita que as doutrinas não escritas eram parte das atividades de Platão na revisão da teoria das formas, que podem ser encontradas no *Philebus*, e que os estudiosos até agora não notaram isso porque Aristóteles usou uma terminologia diferente para descrever essas doutrinas a partir do que é usado nesse diálogo. Em particular, ele acredita que Platão adotou essas doutrinas de modo a ajudá-lo a abandonar a visão de que as formas são separadas.³¹ Enquanto eu estou inclinado a concordar que essas doutrinas podem ser encontrados no *Philebus*, estou cético de que eles representem uma revisão da teoria das formas. Contra isso, em primeiro lugar, Aristóteles, a principal fonte para o nosso conhecimento das doutrinas não escritas, nunca sugeriu que Platão mudasse de ideia sobre a separação das formas.³² Em *Metafísica* 991-a17 ele mencionou tanto Anaxagoras quanto Eudoxo como tendo negado a separação, mas absteve-se de mencionar Platão,

o que é improvável se Platão tivesse negado a separação. Em segundo lugar, a ideia de usar esses princípios fundamentais para resolver o problema da separação (se Platão sequer pensou nisso como um problema) é bastante suspeita. Se o problema da separação era que as formas eram separadas dos sensatos no sentido de serem transcendentais (o que dificultaria a reflexão sobre elas como causas), então esse problema é resolvido recusando-se a separá-las dos sensatos. Se o problema da separação foi um problema causado por tornar as formas independentes em comparação com os sensatos, então torná-las dependentes de alguns princípios inicialmente, o *simply* levanta o problema novamente para esses primeiros princípios. Consequentemente, introduzir os primeiros princípios é desnecessário ou inútil. Finalmente, Speusippus aceitou os mesmos princípios (ou quase os mesmos); no entanto, por que ele deveria aceitá-los, se ele nem sequer acreditava em formas e por isso não tinha necessidade de resolver tal problema com eles? Tenho que acreditar que o relato de Sayre sobre o propósito de Platão em adotar esses princípios não está correto.

A escola Tubingen tem sustentado que essas doutrinas não escritas não só foram afirmadas por Platão, mas também subjacentes a todos os seus diálogos e representam suas verdadeiras opiniões. Eles apontam - *justly*, eu acho - que a evidência para essas visões é tão boa quanto a evidência para o que filósofos como Democritus disse (ou seja, testemunhos de outros).³³ No entanto, há duas correções que devem ser feitas em sua posição. Em primeiro lugar, não há uma boa razão para acreditar que essas doutrinas representam as verdadeiras visões de Platão, enquanto o que encontramos nos diálogos representa suas opiniões populares. Eu acredito que a própria escola Tubingen veio a reconhecer isso,³⁴ mas, de qualquer forma, é uma visão que não é apoiada por nada em Aristóteles, pois Aristóteles não tinha escrúpulos em se referir ao material nos diálogos.³⁵

Em segundo lugar, não há razão para acreditar que as próprias opiniões que podemos extrair de Aristóteles estão por trás de todos os diálogos. Nos diálogos intermediários e anteriores é verdade que há alguma sugestão de que o pensamento de Platão foi um pouco além do que foi dito nos diálogos. No entanto, a sugestão mais definida para esse efeito está em *República* 506dff. e 509c em conexão com a forma do Bem, onde parece que essa forma é o único princípio fundamental. Que há apenas um princípio é sugerido pelas palavras "o princípio de todos" em *República* 511b7. No entanto, as informações que recebemos de Aristóteles e outros indicam algo diferente. Eles falam não de um princípio, mas de dois, e nenhum desses dois princípios é definido como o bem (embora um deles, o Um, possa finalmente ser identificado com ele). Em outras palavras, há uma mudança entre o que ouvimos no *República* e o que ouvimos dos antigos; a maneira óbvia de explicar isso é dizer que, em relação aos princípios fundamentais, Platão mudou de ideia entre os períodos médio e tardio. A maior parte do que ouvimos dos antigos terá sido desde o final do período (pela simples razão de que a maior parte do que ouvimos é de

Aristóteles, e Aristóteles não tinha entrado na Academia até o final do período). Além disso, como admite um dos estudiosos de Tübingen, os diálogos que parecem mais próximos do que Platão estava falando nas doutrinas não escritas eram do período final, o *Parmênides*, *Sofista* e *Philebus*.³⁶

Finalmente, em *Metafísica* 1078b9-12 Aristóteles falou sobre dois estágios diferentes na teoria de Platão ("Agora, em relação às formas, devemos primeiro examinar a teoria das formas em si, não conectá-la de forma alguma com a natureza dos números, mas tratá-la na forma em que foi originalmente entendida por aqueles que primeiro mantiveram a existência das formas"). O primeiro estágio é simplesmente a teoria do meio período de formas com as quais todos estamos familiarizados. A segunda etapa envolveu a conexão das formas com a natureza dos números. Parece razoável supor, desde o primeiro estágio *É* nada além da teoria das formas do meio período, que a descrição de Aristóteles do segundo estágio inclui todas as doutrinas não escritas (embora estritamente falando ela realmente se relaciona com apenas uma dessas doutrinas, e uma muito duvidosa nisso) e que Platão se envolveu em teorizar sobre os princípios fundamentais apenas em seu período final.

Para concluir esta seção, é provável que Platão acreditasse em dois princípios fundamentais e que ele derivasse o resto da realidade (incluindo os formulários) deles. É provável porque outros além de Aristóteles supunham as mesmas coisas e porque Aristóteles impunha quase os mesmos dois princípios a Speusippus, embora pareça altamente absurdo fazer isso com ele.

VIII. Resposta do Platão a Speusippus

Até agora, sugeri que Platão falhou em responder ao Terceiro Homem para a satisfação de Speusippus. Conseqüentemente, era responsabilidade de Platão responder a Speusippus de alguma outra maneira. Visto que o melhor lugar para encontrar uma resposta platônica a Speusippus não está nos diálogos, mas nas doutrinas não escritas, devemos forçosamente olhar para as doutrinas não escritas. Lá descobrimos que a maneira que Platão escolheu para responder a Speusippus envolvia estender sua teoria ao adicionar dois princípios fundamentais, que ele chamou de Um e de Díade Indefinida. Esses dois princípios representam unidade e diversidade, e Platão provavelmente sentiu que tudo poderia ser explicado apelando para eles. Aparentemente, Speusippus concordou, pois ele adotou dois princípios semelhantes (o Um e a Pluralidade). Platão insistiu que o resto de seu próprio sistema poderia ser derivado de seus dois princípios, mas ele provavelmente também sentiu que Speusippus não poderia derivar o sistema Speusippeano tão facilmente dos princípios de Speusippus. Certamente, tanto Aristóteles (*Metafísica* 1090b20) e Teofrasto (*Metafísica* 6a15-b17) concordaram que Speusippus não construiu seu sistema de forma muito coerente. (Naturalmente, os detalhes dessas derivações dados por Platão e Speusippus estão perdidos para nós.) Por que

Platão escolheu essa forma de atacar Speusippus deve estar claro, pois ele cumpria uma função dupla. A introdução de dois princípios poderia ser usada para mostrar que o sistema de Speusippus foi desajeitadamente construído e para mostrar que as formas existem (pois a existência de formas poderia ser derivada, assim afirmava Platão, desses princípios).

Para recapitular, Speusippus marcou um ponto contra o Pelotão, já que Platão não conseguiu responder efetivamente ao Terceiro Homem. Mas Platão marcou um ponto contra Speusippus, já que o sistema do Pelotão, mas não o de Speusippus, poderia ser co-derivado dos princípios mais básicos da realidade. Como sei que o Pelotão ampliou seu sistema com o propósito de marcar um ponto contra Speusippus? Em primeiro lugar, esta é a maneira como Teofrastus tratou os sistemas do Pelotão, Speusippus, e outros, que esses sistemas poderiam ser julgados para ver o que poderia explicar toda a realidade da melhor maneira possível com o sistema mais inteligentemente construído e coerentemente argumentado. Speusippus não foi considerado o vencedor.

Mas em segundo lugar, dizer que o Pelotão respondeu Speusippus nas doutrinas não escritas faz sentido de uma grande quantidade de outras evidências. Ajuda a preencher minha explicação sobre o paradoxo probatório aristotélico que mencionei anteriormente. Esse paradoxo afirma que Aristóteles tratou o Terceiro Homem como obviamente válido contra a teoria das formas, sem nunca declarar que Platão fez quaisquer revisões nesta teoria

Se tratarmos Aristóteles caridosamente, o que muitos não conseguem fazer, então a única maneira que eu sei para escapar deste paradoxo é dizer que Platão tinha temporariamente admitido que ele não tinha resposta para o Terceiro Homem; ele apenas estendeu a esperança de que algum dia ele teria uma resposta. Mas é razoável acreditar que sob essas circunstâncias o Pelotão teria se sentido obrigado a argumentar contra Speusippus de alguma forma e que ele fez isso atacando todo o sistema de Speusippus, mostrando que foi uma falha abismal. Um ataque desse tipo a Speusippus pode ser facilmente lido nas doutrinas não escritas.

IX. Por que Platão deixou essas doutrinas sem escritas

Em duas passagens, Platão deu uma dica de por que ele deixou essas doutrinas não escritas. Um deles aparece no *Fedro* em 275d-e, onde Platão indicou que, quando algo é escrito, torna-se impossível fazer perguntas a respeito. Isso pode ser reflexo da primeira parte do período tardio, quando a situação entre Platão e Speusippus estava em fluxo, com Speusippus avançando o Terceiro Homem, Platão apresentando razões pelas quais isso não é válido, Speusippus contrariando essas razões, e assim por diante. Em outras palavras, Platão sentiu que não havia sentido em escrever algo que pode precisar ser esclarecido ou mesmo retratado mais tarde.

A segunda dica vem da Sétima Carta em 341c, onde Platão disse que "o conhecimento com [esses princípios] deve vir depois de um longo período de atendimento sobre a instrução no próprio assunto e de companheirismo próximo". 37 Nesse caso, não devemos esperar que esses princípios apareçam impressos. Além disso, não é atípico de Platão ter feito isso. Na República 506d e 507a ele indicou que não poderia dar um relato completo da forma do Bem, que aparentemente era o único princípio fundamental que ele aceitou naquela época. Sua relutância em ambos os casos pode ter sido devido à natureza abstrata do tema e ao fato de que é difícil provar que tais princípios são verdadeiros.

X. O *Timeu*, *Filósofo e Leis*

Afirmo que minha visão do período tardio nos permite resolver alguns mistérios platônicos. Deixe-me começar com o *Timeu*. Aqueles que acreditam que o *Timeu* é um diálogo intermediário não serão persuadidos pelo que digo aqui. Independentemente de se considerar meio ou tarde, no entanto, sua aparência levanta um problema que foi melhor descrito por Gilbert Ryle:

"Após a renúncia de Sócrates de especulações físicas no *Phaedo* e depois de seu tratamento desdenhoso de astronomia observacional no *República* VII e da ciência médica no *República* III 405-410 é uma questão de surpresa que Platão agora produz um tratado em larga escala *Sobre a Natureza e a Composição do Homem*."³⁸

Em outras palavras, é um problema explicar por que Platão recorreu ao estudo da ciência depois de desenvolver razões teóricas para evitá-la anteriormente. Minha teoria do período tardio explica esse comportamento curioso por parte de Platão, pois é de uma peça com sua extensão da teoria das formas na direção dos princípios mais gerais da realidade. Ou seja, para promover seu sistema como uma alternativa viável ao sistema de Speusippus, ele precisava responder ao Terceiro Homem ou, caso contrário, para mostrar que o sistema de Speusippus era inferior ao seu. Cherniss sugeriu que o *Timeu* continha uma resposta para o Terceiro Homem em 31a, como mencionei anteriormente. No entanto, a essa altura o Platão provavelmente já tinha tido um número suficiente de discussões com Speusippus e outros para saber que não havia garantia de que essa resposta (que já havia aparecido em *República* 597c) seria considerado satisfatório. Então, ele decidiu jogar seguro, mostrando também que o sistema de Speusippus era inferior ao seu. Uma maneira de fazer isso era mostrar que no reino dos sentidos um relato plausível baseado em sua teoria das formas poderia ser construído. Conseqüentemente, ele foi capaz de conquistar sua relutância anterior em se envolver em tal tarefa, pois foi necessária pelas exigências de seu debate com Speusippus.

Lembre-se que eu já sugeri que o fracasso de Platão em completar esta trilogia foi devido a um problema percebido no *Timeu* pelos contemporâneos de Platão. Um desses problemas é a resposta ao Terceiro Homem aos 31a que foi sugerida por Cherniss. Eu indiquei anteriormente que isso não era uma grande resposta. Se essa resposta foi considerada insatisfatória por Speusippus, então o Platão terá sentido que o resto do projeto não valia a pena terminar.

Quanto à ausência do *Filósofo*, é significativo que na cronologia de Brandwood, a ordem dos diálogos neste período da vida de Platão são *Sofista*, *Político* e *Philebus*, com o *Filósofo* (se tivesse sido escrito) aparecendo entre o segundo e o terceiro destes. Todos esses três diálogos usam o método de coleta e divisão, exceto que *Philebus* 14c-18d discute como se (e a teoria das formas) tivesse sido severamente atacada. Na verdade, Cherniss sugeriu que a razão (única) de Speusippus para rejeitar as formas era que ele havia construído um dilema para Platão: ou as formas existem ou o método de divisão é válido, mas não ambos.³⁹ Desde que tanto o *Sofista* e o *Político* usar esse método sem escrúpulos, e desde o *Philebus* contém uma longa e complicada discussão sobre ele, é lógico que o dilema de Speusippus foi formulado após (ou durante) a escrita do *Político* mas antes da escrita do *Philebus*.

Mas também podemos conjecturar que este dilema impediu Platão de escrever o *Filósofo*, pois esse diálogo ia usar o método de divisão para pregar de uma vez por todas o que é um filósofo (ou seja, alguém que perseguiu o conhecimento das formas). Uma vez que o método foi atacado, esse projeto foi colocado em espera até que essa dificuldade fosse tratada. Platão decidiu flutuar uma resposta preliminar no *Philebus*, e se essa resposta se mostrou convincente, então o *Filósofo* seria retomado. Mas a resposta no *Philebus* foi totalmente inadequada. Platão ali disse (sem provar) que o método vem dos deuses e tem sido o método que resultou em todas as descobertas na esfera das artes e ciências que foram trazidas à tona (16c), e que além disso seu uso correto representa a diferença entre uma discussão controversa e uma filosófica (17a). Speusippus não estava compreensivelmente convencido por essas afirmações não comprovadas, e Platão nunca chegou a terminar sua trilogia; em vez disso, ele se voltou para algo que ele considerava mais importante, filosofia política (no *Leis*).

Finalmente, em relação ao *Leis*, nem os unitários nem os revisionistas podem fornecer explicações satisfatórias para a volta de Platão ao segundo melhor sistema neste diálogo do rei filósofo que foi descrito no *República*. Em primeiro lugar, no que diz respeito à teoria revisionista, ou Platão percebeu que sua revisão da teoria das formas não tinha efeito na filosofia política, ou percebeu que ela tinha um efeito. Se o primeiro, então essa mudança não pode explicar pelos revisionistas. Mas se este último, então o tipo de mudança que esperaríamos é uma em que o melhor sistema foi revisado; em vez disso,

descobrimos que Platão manteve o melhor sistema como um ideal, mas achou necessário descrever um segundo melhor sistema, que poderia ser mais facilmente realizado. Esse tipo de mudança é mais indicativo de algum tipo de decepção no mundo real do que uma mudança de opinião na metafísica. De qualquer forma, a verdadeira explicação do que aconteceu está fora da teoria dos revisionistas.

Quanto aos unitários, eles tipicamente *fazer* falar sobre uma decepção no mundo real, ou seja, os fracassos de Platão na Sicília para transformar o governante lá em um rei filósofo. No entanto, eles negligenciam o fato de que Platão sentiu que um rei filósofo poderia ser produzido não apenas em um, mas *Dois* maneiras, e esta falha se relaciona com apenas uma dessas maneiras. Se Platão não pudesse transformar um rei em filósofo, então ele poderia tentar transformar um filósofo em um rei. Sabemos que Platão tinha ambições nesse sentido, pois sabemos que as pessoas na Academia às vezes se envolveram em missões políticas de um tipo ou de outro.⁴⁰ Não é razoável acreditar que Platão esperava que um dia alguns *pólis* aceitaria um de seus alunos como um rei filósofo. Se Platão tivesse pensado que esta outra maneira de criar reis filósofos ainda era viável, por que ele teria se incomodado com o *Leis*? Desde Platão se incomodou com o *Leis*, isso sugere que esta segunda maneira de criar um rei filósofo foi um fracasso também. Mas enquanto esta falha poderia ser devido a muitas causas, à luz de *Parmênides* 135a3-7 a sugestão óbvia é que a maioria de seus alunos não satisfazia mais um dos requisitos para ser um rei filósofo, ou seja, a crença nas formas. De onde a declaração em *Leis* 875d que Platão foi forçado a aceitar o segundo melhor sistema de "ordenança e lei" porque "a compreensão das formas é muito fraca na mente das pessoas". Certamente esta referência não é apenas para alguns governantes na Sicília, mas também para seus próprios alunos.

XI. Conclusão

Em seus escritos, Aristóteles afirmou ou subentendeu certas afirmações sobre Platão. Por um lado, ele deu a entender que Platão não tinha uma resposta satisfatória para o argumento do Terceiro Homem. Por outro lado, ele deu a entender que Platão nunca revisou sua teoria. Reconciliar essas duas reivindicações sempre foi difícil. Se Platão não tivesse uma resposta satisfatória para o Terceiro Homem, então deve ter percebido que era válida e, portanto, deveria ter revisado sua teoria. Mas Aristóteles nunca nos disse que revisou sua teoria, então, aparentemente, ele não o fez. Mas então ele não deve ter pensado que o Terceiro Homem era válido e, portanto, deve ter tido uma resposta satisfatória para ele. Como Aristóteles não deu essa resposta, estamos de volta ao ponto de partida; voltamos a pensar que Platão *não* tem uma resposta satisfatória para o Terceiro Homem. Os unitaristas e revisionistas romperam esse círculo negando uma das afirmações que podem ser extraídas de Aristóteles. Os unitaristas insistem que Platão teve uma resposta satisfatória ao

Terceiro Homem, que Aristóteles não conseguiu registrar. Os revisionistas insistem que Platão revisou sua teoria e que Aristóteles por acaso não mencionou isso. No entanto, não há necessidade de negar nenhuma das afirmações de Aristóteles. Como mostra minha teoria, é inteiramente possível que ambas as afirmações sejam verdadeiras. Além disso, minha teoria explica como as doutrinas não escritas acabaram sendo uma parte importante do período tardio.

Para explicar novamente como acredito que todas essas alegações podem ser combinadas em uma teoria plausível, deixe-me reafirmar o que acho que aconteceu com Platão em conexão com o argumento do Terceiro Homem. No período de hismiddle, Platão fundou a Academia e desenvolveu a teoria das formas, aplicando-a a outros ramos da filosofia. Ele estava extremamente confiante de que era correto, mas ele não tinha isso é evidente a partir de observações em *República* 476c que aqueles que não aceitam os formulários estão sonhando e de seu aparentemente desconhecimento de quaisquer argumentos inteligentemente construídos contra sua posição. Em algum momento alguém inventou o argumento do Terceiro Homem. Quando Platão reproduziu este argumento no *Parmênides*, ele indicou três pontos. Aos 135-a-b, Platão indicou que achava o argumento inválido, embora reconhecesse que era difícil mostrar isso. No 135b-c, ele indicou que, em qualquer caso, seria impossível abrir mão da teoria das formas porque era necessário para o pensamento e o discurso. O mais importante, e mais negligenciado pelos estudiosos modernos, é que em 135a3-7 ele reconheceu que a maioria das pessoas achava o argumento suficientemente persuasivo que abandonaram a teoria das formas. Com base em outras informações que já temos, a pessoa mais importante entre aqueles que abandonaram a teoria das formas provavelmente teria sido Speusippus.

Como parte de um debate em andamento com Speusippus, Platão usou uma abordagem de duas pontas: ele deu uma resposta ao Terceiro Homem, e ele lançou um *ad hominem* ataque contra Speusippus. A resposta para o Terceiro Homem apareceu em *Timeu* 31a, mas não há probabilidade de Speusippus ter achado convincente; conseqüentemente, Platão abandonou o resto dessa trilogia. Pois no resto dessa trilogia ele planejava contar as façanhas míticas dos reis filósofos na antiga Atenas, mas dado que os reis filósofos devem acreditar em formas, e dado que os melhores alunos de Platão não acreditavam mais em formas, dizendo que este mito era considerado uma tarefa inútil.

Neste ponto, Platão provavelmente adotou a resposta retórica ao Terceiro Homem que ele usou para o resto de sua vida:

"Sei que não tenho nada importante a dizer contra esse argumento neste momento, mas estou totalmente convencido da existência de formas, pois a afirmação de sua existência resolve muitos problemas filosóficos profundos e é

de qualquer maneira necessário para a possibilidade de pensar e linguagem até mesmo pensar em abandoná-las. Estou confiante de que algum dia eu ou outra pessoa encontraremos uma resposta para este argumento vexazado do Terceiro Homem, depois do qual ninguém de qualquer inteligência poderia duvidar da existência de entidades tão importantes e divinas como Justiça, Beleza, Bem e afins."

O segundo pino de sua abordagem para o desafio Speusippus 'envolvidos um *ad hominem* atacar. Ao estender sua teoria, Platão poderia mostrar a outros que sua própria teoria era mais coerente e construída de forma cogente do que o sistema de Speusippus era. Essa extensão foi em duas direções: para as mais específicas e mais gerais. O primeiro é representado pela cosmologia do *Timeu*, pois Platão se sentiu forçado a mostrar que ele poderia explicar fenômenos naturais, assim como qualquer um. Este último é representado pelos dois princípios falados nas doutrinas não escritas, o Um e o Dína Indefinido (representando a unidade e a diversidade), que ele achava suficientemente plausível que ninguém poderia negá-los e que ele achava que implicava seu próprio sistema. Na verdade, Speusippus aparentemente achou esses dois princípios plausíveis o suficiente para que um deles adotasse de imediato (o Um) e o outro ele modificasse ligeiramente (escolhendo a Pluralidade em vez do Dyad), mas não teve sucesso. Sobre a tarefa de derivar o sistema de seus princípios fundamentais, os antigos pareciam concordar que o Platão fez um trabalho melhor do que Speusippus fez. Foi um ponto a favor do Platão. Por outro lado, o Terceiro Homem foi um ponto a favor de Speusippus.

Enquanto isso, Platão ainda produzia diálogos. Depois de abandonar o *Timeu* trilogia, ele se virou para o *Sofista* trilogia, que usou o método de divisão. (O *Sofista* não está diretamente relacionado com a crise de Platão com o Terceiro Homem, mas está indiretamente relacionado, e espero explicar isso algum dia. Os detalhes são muito longos para se aprofundar nesta ocasião.) O terceiro diálogo desta trilogia tinha a intenção de usar o método de divisão para revelar a natureza do filósofo (que naturalmente se tornaria uma pessoa que acreditava em formas). No entanto, esta trilogia teve que ser abandonado também, pois foi depois de escrever o *Político* que Speusippus patrocinou uma segunda crítica na forma de um dilema que forçou Platão a escolher entre as formas e seu novo método de divisão. Platão flutuou uma resposta fraca para isso no *Philebus*, mas Speusippus não estava convencido. O terceiro diálogo no *Sofista* trilogia, um diálogo destinado a mostrar que os filósofos acreditam em formas, teve que ser colocado na prateleira até que esta e outras objeções fossem respondidas. Enquanto isso, Platão sentiu que valeria mais a pena dar ao resto da raça humana uma segunda melhor filosofia política (dado que seu sistema ideal não seria realizado por falta de pessoas que acreditavam nas formas) do que dar uma resposta a algum problema obscuro na metafísica. Se e quando esse projeto fosse concluído, ele poderia sempre voltar para o Terceiro Homem e as outras objeções e procurar uma resposta para eles mais uma vez.

Assim, Platão virou-se para escrever o *Leis*, mas ele aparentemente nunca terminou (pois o manuscrito não foi colocado em sua forma final, de acordo com Diógenes Laércio, III.37). De qualquer forma, ele morreu nunca tendo encontrado qualquer resposta para o Terceiro Homem.

Platão e Speusippus emergiram desses debates em um impasse, com cada um deles ganhando um ponto contra o outro. Speusippus poderia dizer contra Platão que ele não tinha respondido ao Terceiro Homem, e Platão poderia dizer contra Speusippus que seu sistema não era facilmente derivado dos princípios mais fundamentais. É claro que esse impasse foi quebrado por Aristóteles, que propôs um sistema metafísico diferente de qualquer um deles e com quem é apropriado terminar este artigo. Na verdade, este artigo poderia ter sido intitulado algo como "A Indicação de Aristóteles Sobre seu testemunho sobre Platão", pois acabou que se pode interpretar as observações de Aristóteles sobre Platão muito melhor do que muitos desejaram pensar. Alguns podem argumentar que, ao ser caridoso com Aristóteles, não fui caridoso com Platão, pois o retratei como continuando a manter uma teoria que tinha uma objeção contra ela que ele não poderia responder satisfatoriamente. Mas isso parece um comportamento humano comum para mim. Como Thomas Kuhn explicou, para cada teoria científica (e presumivelmente para teorias metafísicas também), há fenômenos que a teoria não pode explicar. A maioria dos que acreditam na teoria acha que o que é explicado pela teoria é tão importante que os fenômenos que ainda não são explicados por ela não merecem contar contra ela. Eventualmente, aqueles que investigam tais fenômenos, se eles repetidamente não conseguem explicá-lo em termos da teoria em questão, decidem que esses quebra-cabeças não resolvidos *dever* para contar contra a teoria. Foi o mesmo com Platão e o Terceiro Homem. A teoria das formas era uma conquista tão sólida e importante em sua mente que ele nunca desistiria por causa de algum quebra-cabeça lógico insignificante que ele não poderia responder *ainda*. Seus oponentes, sendo menos encantados pela teoria das formas, achavam o Terceiro Homem uma objeção muito séria, de fato. Não há nada disso que indique falta de caridade ao Platão da minha parte. E então concluo dizendo que Aristóteles estava certo de que Platão aceitou essas doutrinas não escritas, certo que Platão nunca revisou sua teoria de formas, e direito de pensar que Platão não tinha resposta para o argumento do Terceiro Homem.⁴¹

John Pepple
Affiliated Scholar in Classics and Philosophy
Kenyon College

XII. Notes

1. Veja W.D. Ross, *Teoria das Ideias de Platão*, Oxford: Clarendon Press, 1951, pp. 151-2 para uma discussão sobre este tema.

2. Parmenides 131-132b. Este argumento tem sido discutido sem parar desde a publicação do artigo de Gregory Vlastos examinando sua lógica, "O Argumento do Terceiro Homem nos Parmenides", *Revisão Filosófica* 63 (1954), 319-349. Embora muitas dessas discussões envolveram debates sobre a formulação precisa de suas premissas, aqui está um conjunto conservador de premissas que trata Platão da forma mais caridosa possível:

Uma premissa sobre muitas premissas (OM): Se um número de entidades são todas F, deve haver um F-ness em virtude do qual todos eles são F.

Auto Predication premissa (SP): Todos F-esses são F.

Premissa de não identidade (NI): Se x é F, então x não é idêntico com o F-esses-em virtude do qual é F.

Estes são de Wilfred Sellars, "Vlastos e 'O Terceiro Homem'", *Revisão Filosófica* 64 (1955), 417-418. A discussão começa com um conjunto de coisas que têm o recurso F. Por OM, há uma forma F-ness em virtude da qual essas coisas são todas F. Por SP, esta forma é em si F. Por NI, esta forma não pode ser idêntica com a forma ou formas em virtude de que é F. Portanto, deve haver outra forma de F-ness em virtude da qual a primeira forma é F; e ainda outra forma em virtude da qual a segunda forma é F; e assim por diante.

3. Obviamente, isso depende do que eu tomar para ser o período final. Adotei a cronologia estabelecida por Leonard Brandwood em *Um Índice de Palavras para Platão*, Leeds: W.S. Maney & Son, 1976, pp. xvi-xviii. Ele dá a seguinte ordem aos diálogos que me interessam: *Phaedo*, *República*, *Parmenides*, *Theaetetus*, *Phaedrus*, *Timaeus*, *Critias*, *Sofista*, *Político*, *Philebus* e *Leis*. Eu tomo o período final para começar com os *Parmenides* e os *Theaetetus*, que alguns levam para ser no final do período médio. Isso é apenas um ponto terminológico. Mais importante é que alguns negaram que a cronologia pode ser determinada com base no estilo, como Brandwood e outros afirmam. Vou discutir esse tema abaixo.

4. Há dois artigos representando as duas primeiras dessas três teorias, que podem ser encontrados nos *Estudos de R.E. Allen em Metafísica de Platão*, Londres: Routledge & Kegan Paul, Ltd., 1965. Harold Cherniss, "A Relação do *Timaeus* com os Diálogos Posteriores de Platão", pp. 339-378, defendeu o unitarismo, enquanto G.E.L. Owen, "O Lugar dos *Timaeus* nos Diálogos de Platão", pp. 313-338, argumentou para o revisionismo. Quanto aos céticos, eles são representados por Holger Thesleff, "Cronologia Platônica", *Phronesis* 34 (1989), 1-26, e *Estudos em Cronologia Platônica*, *Comentários Humanarum Litterarum* 70 (Helsinki: Societas Scientiarum Fennica, 1982); Jacob Howland, "Re-Reading Platão: O Problema da Cronologia Platônica", *Phoenix* 45 (1991), 189-214; e Debra Nails, *Agora, Academy, and the Conduct of Philosophy*, Kluwer, 1995.

5. Thesleff, *Studies in Platonic Chronology*, pp. 54ff. and 162ff.

6. Thesleff, *Studies in Platonic Chronology*, p. 23.

7. Thesleff, *Studies in Platonic Chronology*, p. 105.

8. Debra Nails, *Agora, Academy, and the Conduct of Philosophy*, p. 22.

9. Thesleff, "Platonic Chronology," p. 4.

10. Marjorie Grene, *Descartes: Philosophers in Context*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1985, p. 186.

11. See the letter from Descartes to Colvius of November 14, 1640:

"Sou obrigado a você por chamar minha atenção para a passagem de Santo Agostinho relevante para o meu eu acho, portanto eu sou. Fui hoje à biblioteca desta cidade para lê-la, e de fato acho que ele a usa para provar a certeza de nossa existência." (AT, iii, p. 247.)

12. Veja, por exemplo, W.K.C. Guthrie, *A History of Greek Philosophy V*, Cambridge University Press, 1978, p. 34, que sugere 370-367 como a data dos Parmênides. Acredita-se que Aristóteles tenha entrado na Academia em cerca de 367 anos, com a idade de dezessete anos.

13. Há várias indicações de que Platão planejou revelar a natureza do filósofo em um terceiro diálogo. No início do *Sófista* e do *Político*, sugere-se que haverá uma discussão na qual três tipos de pessoas serão definidas: sofistas, estadistas e filósofos. O *Sófista* define o sofista, e o *Político* define o estadista, deixando-nos acreditar que um terceiro diálogo foi planejado no qual o filósofo seria definido. Em *Politicus* 257b, Teodoros pede ao Estranho "para definir o estadista ou o filósofo, o que você preferir buscar". A implicação é que o Estranho assumirá a alternativa não escolhida em um terceiro diálogo.

14. Cornford, *Plato and Parmenides*, London: Routledge & Kegan Paul, 1939, p. 95.

15. Cornford, *Plato and Parmenides*, p. 87, Richard Patterson, *Image and Reality in Plato's Metaphysics*, Indianapolis: Hackett, 1985, p. 51, and Richard Robinson, *Plato's Earlier Dialectic*, 2nd ed., Oxford University Press, 1953, p. 265.

16. Richard Robinson, *Plato's Earlier Dialectic*, p. 265, Karl Popper, *The Open Society and Its Enemies*, rev. ed., Princeton University Press, 1966, p. 134, and Harold Cherniss, *The Riddle of the Early Academy*, Berkeley, 1945, p. 70.

17. Cherniss, *Aristotle's Criticism of Plato and the Academy I*, Baltimore: Johns Hopkins Press, 1944, pp. 293ff.

18. Cherniss, *The Riddle of the Early Academy*, p. 40. Cf. Aristotle, *Metaphysics* 1039a24ff.

19. Cherniss, *The Riddle of the Early Academy*, p. 70.

20. Owen, "The Place of the *Timaeus* in Plato's Dialogues," p. 230.

21. R.M. Dancy, "Ancient Non-Beings: Speusippus and Others," *Ancient Philosophy* 9 (1989), pp. 221ff., especially 226.

22. W.D. Ross, *Plato's Theory of Ideas*, p. 218.

23. Cherniss, *The Riddle of the Early Academy*, p. 52. See also Leonardo Taran, *Speusippus of Athens*, Leiden: E.J. Brill, 1981, p. 39. Although he is concerned with Speusippus rather than with Plato, the argument is the same.

24. Cherniss, *The Riddle of the Early Academy*, pp. 16-17, 29, 58-59, and 72.
25. For example, Ross, *Plato's Theory of Ideas*, chapters 9-16, and J.N. Findlay, *Plato: The Written and Unwritten Doctrines*, London: Routledge & Kegan Paul, 1974, pp. 455-473.
26. Simplicius, *In Phys.* p. 151, 6-11 and p. 453, 25-31.
27. *Metaphysics* 1028b21-24, 1087b6-9, and 1087b27.
28. See Cherniss, *The Riddle of the Early Academy*, pp. 51ff.
29. Claro, Taran, Speusippus de Atenas, pp. 32ff., seguindo a liderança de Cherniss no tratamento de Aristóteles inconstantemente, deseja dizer que o Um e a Pluralidade não são princípios fundamentais de Speusippus. No entanto, ele tem sido amplamente criticado. Veja John Dillon, "Speusippus in Iamblichus", *Phronesis* 29 (1984), p. 328, Ian Mueller, "On Some Academic Theories of Mathematical Objects", *Journal of Hellenic Studies* 106 (1986), p. 117 and n. 23, and Dancy, "Ancient Non-Beings", pp.
30. Vlastos, "On Plato's Oral Doctrine," in Vlastos, *Platonic Studies*, Princeton University Press, 1981, pp. 397-398.
31. Kenneth Sayre, *Plato's Late Ontology*, Princeton University Press, 1983. See p. 184 for remarks on the abandonment of separation.
32. See Mohan Matthen in his review of Sayre's book in *The Philosophical Review* 94 (1985), pp. 395-396.
33. Hans Joachim Kramer, *Plato and the Foundations of Metaphysics*, ed. and trans. by John R. Catan, Albany: SUNY Press, 1990, p. 282, n. 20.
34. Kramer, *Plato and the Foundations of Metaphysics*, p. 58.
35. On this point, see Richard Kraut, "Introduction to the Study of Plato," *The Cambridge Companion to Plato*, ed. Kraut, Cambridge University Press, 1992, pp. 22-23.
36. See Kramer, *Plato and the Foundations of Metaphysics*, p. 157.
37. See Konrad Gaiser, "Plato's Enigmatic Lecture *On the Good*," *Phronesis* 25 (1980), pp. 18-19 for reasons why the *Seventh Letter* is genuine and p. 14 for why we should consider this sentence to be about the first principle.
38. Gilbert Ryle, *Plato's Progress*, Cambridge University Press, 1965, p. 12.
39. Cherniss, *The Riddle of the Early Academy*, pp. 39ff.

40. See, for example, Plutarch, *Adv. Colot.* 1126c, and Diogenes Laertius, III.23.

41. As ideias expressas neste artigo foram apresentadas pela primeira vez na Conferência de Filosofia Grega Antiga de Minnesota em 6 de novembro de 1993. Agradeço ao comentarista Del Reed por suas observações naquela ocasião. Também foi apresentado em uma reunião da Associação Filosófica de Ohio em 8 de abril de 1995. Embora muitas pessoas (como Sandra Peterson, Vicki Harper, Norman Dahl e Gregory Vlastos) tenham me ajudado a formular minhas opiniões sobre a filosofia grega, tenho que agradecer a várias pessoas que suportaram minhas longas cartas sobre o tema deste artigo e responderam com encorajamento: Leonard Brandwood, William J. Prior, Rosamond Kent Sprague e Richard Kraut. Naturalmente, todos os erros aqui são meus.

XIII. Responses and comments and the Kenyon College Disclaimer

Respostas e comentários serão incluídos à medida que forem enviados.

As opiniões e opiniões expressas nesta página são estritamente de seu provedor de informações. O provedor assume total responsabilidade e responsabilidade pelo conteúdo deste documento. O conteúdo desta página não foi revisado nem aprovado pela Kenyon College. Todos os comentários e comentários devem ser enviados para pepplej@kenyon.edu ou para John Pepple, P.O. Box 619, Gambier, OH 43022, EUA.